

Arte digital no cenário brasileiro e suas intersecções com a cultura hacker

Janaína Cardozo CAPELETTI¹

Resumo

Este artigo é o resumo de uma pesquisa que analisa as especificidades da arte digital feita no Brasil, nos dias de hoje, e sua relação com o ativismo. Através de entrevistas com quatro profissionais que transitam entre a academia e a produção artística foi possível constatar que na arte brasileira, o ativismo se dá na própria subversão aos processos da arte convencional e na incorporação da cultura hacker no fazer artístico mesmo que, muitas vezes, de forma não intencional pelos atores.

É impreciso definir uma estética em arte digital estritamente brasileira, uma vez que, em um mundo globalizado, os processos se assemelham. Entretanto, a partir das entrevistas² realizadas visando retomar e compreender as relações entre arte digital e o ativismo no Brasil, é possível dizer que o que ocorre no campo da arte e tecnologia no país é uma significativa aproximação com os pólos acadêmicos, através de núcleos e grupos de pesquisa. Há uma ativa cena artística, com pesquisadores em todas as regiões, proporcionando uma relativa descentralização do eixo Rio - São Paulo.

Dentro deste panorama, como aponta Maria Amélia Bulhões (informação verbal)³, quando falamos em net art⁴, a produção local está inserida no que é chamado Post-Internet⁵, termo criado em 2006 pela artista Marisa Olson. Para a artista, a Internet Art não pode mais ser distinguida como estritamente baseada em computador/Internet, mas sim identificada com qualquer tipo de arte que é, de alguma forma, influenciada pela Internet e pelas mídias digitais.

A concepção de net art que se tem hoje é diferente do período de seu surgimento e apogeu, entre meados de 1990 e início dos anos 2000. Por isso, a pertinência do termo criado por Olson na busca de definição para uma nova forma de arte em rede, embora ainda não haja concordância se esta seria a melhor abordagem. Conforme nos traz Hora (2015) e Gasparetto (2015)⁶, atualmente, este tipo de arte transita entre vários meios e os artistas trabalham com mais de uma linguagem. Acrescenta-se que em razão deste caráter, a própria produção não é contínua, mas intercalada. Este talvez seja um dos motivos pelo qual as

¹ Jornalista e especialista em Cultura Digital e Redes Sociais pela Unisinos, email: janacapeletti@gmail.com.
@janacapeletti <https://br.linkedin.com/in/janainacapeletti>

² *Daniel Hora: Pesquisador bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Capes, vinculado ao Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica - NEHS, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Doutor em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília.; *Débora Aita Gasparetto: Professora Assistente no Departamento de Desenho Industrial/UFSM (2015-). Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV/ UFRGS (2012 -), em História, Teoria e Crítica de Arte, na linha de pesquisa Relações Sistêmicas da Arte, com bolsa CAPES/REUNI (2012-2015); *Maria Amélia Bulhões: Crítica de arte e Professora Titular do Departamento de Artes Visuais da UFRGS, pesquisadora do CNPq, docente e orientadora no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais desta Universidade; *Sérgio Amadeu da Silveira: Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2005). Professor adjunto da Universidade Federal do ABC (UFABC). Consultor de Comunicação e Tecnologia.

³ Entrevista presencial, concedida em 2 de novembro de 2015.

⁴ O termo net art compreende as obras e projetos artísticos que foram criados especialmente para a Internet ou que se encontram exclusivamente nela. Estas obras "tematizam questões da própria Internet e são produzidas, distribuídas e legitimadas por esta rede" (DUARTE, 2008, p. 1).

⁵ <http://rhizome.org/editorial/2013/nov/1/postinternet/> Acesso em 4 de fevereiro de 2016.

⁶ Débora Aita Gasparetto. Entrevista concedida via e-mail em 21 de dezembro de 2015.

fronteiras na net art de hoje sejam mais diluídas, não sendo mais possível falar nela como um tipo específico de estilo ou movimento.

A arte ativista com forte característica hacktivista que circulava durante a primeira década da Internet assumiu novos contornos. Essa não é uma ocorrência apenas brasileira, mas mundial, conforme Bulhões (2015) e Hora (2015). Assim como a net art mudou, seu traço mais combativo também foi alterado.

Para Silveira "[...] há uma grande apropriação da arte pelos ativistas e de artistas que descobriram ou redescobriram o mundo das redes e passam a atuar ali também. (SILVEIRA, 2016). Entretanto, continua Silveira (2016), quando se fala de artista-ativista, pela própria característica do artista, não há uma predominância de grandes organizações, mas de pequenos grupos descentralizados.

Pelas entrevistas e o referencial teórico adotado, foi possível perceber que a relação da arte digital brasileira com o ciberativismo não é direta. O ativismo praticado pelos artistas visuais se dá mais no sentido de subversão do próprio campo da arte, de seus sistemas, de uma crítica à sociedade, do que em um formato político explícito, aqui entendido como uma preocupação com as questões e lutas sociais.

Em um mundo cada vez mais híbrido não é possível dizer que a arte digital ativista ocorre especificamente no ambiente virtual. Não há como separar o universo *online* do *offline*. As intervenções urbanas são muito características da confluência entre ações digitais e ações *offline*.

Dentro deste universo de práticas híbridas e diluídas, é possível identificar trabalhos artísticos que se utilizam de ações hacktivistas. Mesmo não assumindo diretamente uma prática ativista, existem muitos artistas que trabalham próximos ou alinhados com a ética hacker, ainda que não sejam provenientes do meio hacker e nem se consideram como tal. Entretanto, elementos de uma cultura que saiu do nicho e foi apropriada, inclusive, por empresas, estão presentes em poéticas que trabalham o compartilhamento da informação, o uso de software livre, a autoria participativa, muitas vezes com o público da obra. São ações que questionam e buscam ampliar os limites estabelecidos.

Considerações Finais

Muitos dos preceitos da ética hacker apontados por Levy (1994), Himanen (2001) e pela própria definição de hacker permeiam as ações de artistas digitais, quer se considerem ou não inseridos nessa lógica: a defesa ao compartilhamento e a liberdade de informação, a horizontalidade do poder através da ação coletiva, o combate às restrições de acesso ao conhecimento, o uso da tecnologia de forma entusiasmada e criativa, o trabalho com valor social intrínseco.

No Brasil, a convergência entre arte e ativismo existe, porém, aqui, não há por parte dos artistas uma preocupação com a rotulagem de artista-ativista. A constatação obtida nas entrevistas é de que o ativismo na arte brasileira se dá na própria subversão aos processos da arte convencional e na incorporação da cultura hacker no fazer artístico.

Percebe-se a apropriação da ética hacker como contraponto às engrenagens da sociedade capitalista, muitas vezes até de forma não intencional por diferentes atores.

Referências bibliográficas

ARANTES, P. Arte e mídia no Brasil: perspectivas da estética digital. **ARS**, São Paulo, vol.3, n.6, p. 52-65, 2005. Disponível em <<http://www2.eca.usp.br/cap/ars6/arantes.pdf>> Acesso em 05 fev. 2016.

BAZZICHELLI, T. **Networking**: The Net as Artwork. Aarhus: Ed. Digital Aesthetics Research Center, 2008.

BROGGER, A. **Net art, web art, online art, net.art?** 2000. Disponível em <<http://www.afsnitp.dk/onoff/Texts/printerfriendly/broggernetart,we.html>> Acesso em 30 jan. 2016.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAIA, M. Artivismo: Política e Arte Hoje. São Paulo. **Revista Aurora**, ano 1, p.9-11, 2007.

COLEMAM, G. **Coding Freedom**. New Jersey, Princeton University Press, 2013.

DUARTE, F. C. P. **Net Artes**: conceitos, heranças e tendências. In: II Simpósio ABCiber, 2008. Disponível em <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CAD/Fernanda%20da%20Costa%20Portugal%20Duarte.pdf>> Acesso em 01 fev. 2016.

GONÇALVES, F. **Resistência nômade**: arte, colaboração e novas formas de ativismo na rede. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

HIMANEN, P. **The hacker ethic, and the spirit of the information age**. 1st ed. New York: Random House, 2001.

LEVY, S. **Hackers**: Heroes of the Computer Revolution. New York: Dell Publishing, 1994.

LIESER, W. **Arte Digital**. Alemanha: Ed.H.F.Ullmann, 2009

LOVINK, G; GARCIA, D. **O ABC da Mídia Tática**. Trad. Ricardo Rosas (2003). Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/03/249849.shtml>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

MACHADO, A. **Arte e Mídia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2010.

MALINI, F; ANTOUN, H. **A internet e a rua**: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2013.

SILVEIRA, S. A. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p28-39, junho/agosto 2010.